

## Pássaro d'água

Recebido em 18-02-2019

Modificado em 21-03-2019

Aceito para publicação em 24-04-2019

---

**Jefferson Adriã Reis** 

ORCID: 0000-0002-9564-7442

Licenciado em Letras-Português pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Membro do Laboratório Esquizoanalista de Produção de Subjetividades e(m) Interseccionalidades (LEPSI). E-mail: [jeffersonadriareis@gmail.com](mailto:jeffersonadriareis@gmail.com)

---

Você já sentiu em algum momento que não está vivendo sua vida da forma como gostaria? Que há alguma coisa faltando ou te incomodando? Acho que todo mundo responderia “SIIIIIIIIM”. Mas não estou falando sobre coisas que o dinheiro pode comprar, como viagens, sexo e status. Me refiro às escolhas do dia a dia, como o que estudar, quando e com quem ir ao cinema, com quais parentes se relacionar. De toda forma, penso que qualquer pessoa responderia “SIM” para essa pergunta, com exceção, talvez, dos monges... Enfim, eu era apenas um cara de 18 anos, gay não assumido, universitário solitário, vivendo às margens da família e com muita, muita vontade de encontrar o amor, para não falar outra coisa.

263

As pessoas sempre me falavam como meus pais eram joviais, bonitos e divertidos. E eles o eram, de fato. Ao lado deles eu parecia um patinho feio. Até mesmo minha irmã, Kauany, herdara o cabelo negro muito liso, a pele avermelhada, os olhos amendoados e os lábios bem desenhados de minha mãe, Edmara. Meu pai, Celso, era alto e forte e, bem, eu não era tão alto e nem tão forte quanto ele. No entanto não era a aparência de qualquer um deles que me deixava irritado e inseguro, mas a desenvoltura, a elegância e a capacidade para representar espontaneidade. Meus pais eram muito bons na arte de lidar com as pessoas, exceto, é claro, quando a pessoa em questão era eu.

Naquela noite estávamos em um clube, comemorando a chegada do ano novo. O lugar estava decorado com flores brancas e amarelas, cortinas, lâmpadas e balões prateados em forma de estrela. Havia uma banda tocando qualquer música do Skank e algumas pessoas deixavam as mesas para ir à pista de dança, enquanto outras andavam de um lado a outro conversando, ou seja, lá do que se pode chamar toda aquela animada demonstração de afeto.



O clube era bastante grande. Havia um jardim decorado e iluminado, com passarelas que levavam aos outros espaços; havia o gramado; a área das piscinas recreativas, ocupadas por alguns banhistas, em entorno das quais foram colocadas mesas; havia o salão, com o palco e a pista de dança, preparada como uma verdadeira boate para a ocasião; havia a parte descoberta, porém com piso, que era onde estávamos; havia o bar, no canto do salão; e a área com as quadras e com a piscina olímpica, que naquela noite não fazia parte da festa. Minha família era associada a esse clube, então eu havia crescido frequentando aquele lugar, seguindo meu pai de um lado a outro, porque ele havia decidido que deveríamos praticar algum esporte juntos.

Meu pai exibia seu sorriso cordial enquanto cumprimentava algumas pessoas que passavam por nós. Dividíamos a mesa com um amigo de meu pai, Valdece, e sua família tradicional, que consistia na esposa e três filhos, dois dos quais eram crianças insuportáveis que deveriam estar dormindo. Minha mãe conversava alegremente com Salete, a esposa, e minha irmã interagia com a outra menina adolescente, Isadora. As crianças, cujos nomes não vou citar porque isso não importa, brigavam por alguma coisa. Eu trocava mensagens de texto com um amigo que, infelizmente, estava a quilômetros de distância. O barulho me incomodava, o calor me castigava, a música me entediava, a agitação me irritava. Meu amigo virtual, Victor, estava em uma boate e demorava para responder. Suspirei desanimado.

A virada do ano sempre me deixava nervoso. Eu sentia o tempo passar e as cobranças se tornarem mais pesadas. Uma nostalgia apavorante surgiu dos meus primórdios e me fez sentir saudade da infância, uma infância que não fora assim tão maravilhosa. Meus pais, aparentemente descontraídos, eram muito exigentes quando a questão era a preparação para o futuro. Por isso eu me empenhava para ingressar na universidade, por isso me empenhava para ter boas notas, por isso passava os finais de semana com a cara nos livros, por isso não tinha amigos, por isso não tinha vida. Por isso eu não tinha namorado.

Olhei para meu pai. Ele e o amigo estavam em pé, apertando a mão de um homem mais velho que eles, que lhes dava tapinhas no ombro. Meu pai então nos apresentou a ele, que nos desejou feliz ano novo. Era alguém do trabalho. Vários de seus colegas estavam ali com suas famílias. O clube estava lotado. Adultos, adolescentes, crianças. Reconheci vários associados. A algumas mesas à direita estavam Salvador e Mário, um casal com o qual meu pai e eu tentáramos aprender a jogar tênis, mas nos descobríamos inaptos. Observei os dois com seus amigos, rindo e fazendo brindes, e fui surpreendido por eles. Mário me reconheceu, se levantou e se aproximou, sorrindo. Salvador fez o mesmo.

– Feliz ano novo, marionetes! – disse Salvador, se referindo a mim e ao meu pai. Era assim que ele nos chamava quando corríamos desesperados de um lado a outro tentando usar a raquete. Ele era um homem bonito, da Colômbia, na casa dos 50.

Meu pai, pego de surpresa, se levantou para apertar as mãos dos dois homens. Fiz o mesmo. Salvador e Mário eram pessoas agradáveis e seus sorrisos eram honestos. Pensei nas barreiras que haviam precisado enfrentar para permanecerem juntos. Valdece, um tanto constrangido, também os cumprimentou. As mulheres foram apresentadas e cumprimentaram com beijos no rosto. Todos trocaram felicitações. Salvador fez cafunés nos dois meninos (que se comportaram de forma bem grosseira, por sinal). Prestei atenção ao modo como as coisas se desenrolavam na presença do casal, porque sabia mais ou menos o que aconteceria quando os homens se afastassem. E, como eu previra...

– De onde você conhece esses cabras? – Valdece perguntou.

– Daqui do clube – meu pai respondeu, sério, mas um pouco vacilante. – Kaique e eu tivemos algumas aulas de tênis com eles, mas percebemos que isso não é para nós.

– E o que foi que vocês perceberam que não é para vocês? O tênis ou o quê? – o homem provocou, rindo, como se fosse uma brincadeira.

– O tênis é um esporte muito diferente, a gente prefere o futebol, né, Kaique?

Movimentei a cabeça em sinal positivo, mas, apesar de que às vezes eu jogava por insistência de meu pai, não gostava de futebol.

– Simpáticos, eles – comentou Salete. – O que eles fazem? São cabeleireiros?

“Claro! Porque toda bicha tem que ser cabeleireira”, pensei.

– Um é advogado e o outro é jornalista – respondeu meu pai.

Valdece deixou escapar um risinho contido.

– Jornalista, tinha que ser.

– Por quê? – perguntei, numa rara ocasião em que abri a boca.

O homem me olhou por alguns segundos e decidiu não estender o assunto.

– Ah, por nada. É só que geralmente esse povo tem talento para a mídia mesmo.

Minha mãe, belíssima, maquiada como se fosse uma miss Venezuela aos 40 anos, resolveu contribuir com a discussão.

– O Celso já tinha me falado deles, mas eu não conhecia eles. O latino é da Colômbia.

Kauany, que também observava a tudo muito atenta, soltou uma gargalhada e disse:

– Mas qual latino, mãe? Nós todos somos latinos. O Brasil faz parte da América Latina. Vocês são demais!

– Eu sei disso, é só modo de dizer – respondeu minha mãe, envergonhada.

Salete se remexeu na cadeira.

– Eles têm família aqui?

– A família de Salvador tá na Colômbia, mas acho ele não mantém contato – disse meu pai. – Quanto ao Mário... bem, não me lembro de ele ter falado qualquer coisa sobre isso. Acho que também não tem família.

Eu estava nervoso com as coisas que estavam sendo ditas ou mascaradas naquela conversa. Deixei escapar um resmungo de impaciência e falei:

– Mas é claro que eles têm família. Um é a família do outro.

Valdece me olhou, indignado.

– Tá, tá, eu sei, mas convenhamos que isso não é natural. Não tô querendo ofender ninguém, mas é que tô com duas crianças aqui. Meus filhos não entendem essas coisas. Tipo, quem será que é o homem e quem será que é a mulher?

Nesse momento Kauany e Isadora interromperam a conversa.

– A gente tá indo no banheiro – informou minha irmã, arrastando a cadeira.

Aproveitei para focar minha atenção em meu celular e percebi que Victor havia respondido minha mensagem: “*E aí garotão, curtindo a night?*”. Ilustrando a pergunta, havia um gif da Rihanna aparentemente bêbada, dançando com uma taça na mão.

266

\*\*\*

O vocalista da banda finalizou a canção e foi substituído por uma cantora, que disse algumas frases para “animar a galera” (odeio essa expressão). A mulher começou a cantar a música *Into you*, de Ariana Grande, e minha irmã e a outra menina enlouqueceram.

– Vamos dançar, Kaique! – minha irmã me convidou, se agarrando a meu braço.

– Não, depois eu vou.

Kauany não insistiu e se levantou, me chamando de chato. Isadora a acompanhou, sem antes me lançar um olhar que, para minha surpresa, pareceu ser uma tentativa de sedução. Escondi a surpresa e a vontade de rir. As duas desapareceram na neblina de gelo seco. Meus pais estavam distraídos e eu, de saco cheio, mas a música era contagiante e fiquei admirado com a voz da cantora. Eu deveria conferir? Não havia ninguém olhando para mim. Me levantei e me aproximei aos poucos da pista, tomada por adolescentes. Me desviei das pessoas. Kauany e Isadora dançavam próximas ao palco. As luzes eram azuis, vermelhas e violetas.

Fiquei parado, um tanto distante da massa vibrante. No palco, dançarinos e dançarinas não muito vestidos se apresentavam em torno da cantora. Um deles, em especial, me chamou a atenção. Um rapaz sem camiseta, suado, de cabelo raspado. Me aproximei mais. O suor fez seu corpo brilhar coloridamente. Ele era forte e sabia os passos com exatidão. Eu nunca havia percebido como essa música era tão bonita. O rapaz requebrava, girava e sorria. Seu corpo absorvia a música como uma planta absorve a luz do sol. Diante daquela visão, senti meu próprio corpo se transformar. Parei a alguns metros do palco e por alguns segundos o olhar do cara encontrou o meu e ele sorriu. Sorri de volta. Então percebi que Kauany e Isadora estavam olhando para mim.

Eu não podia permitir que Isadora descobrisse sobre minha sexualidade. Ela acabaria contando aos pais dela e eles com certeza falaria aos meus pais. Dei a volta apressadamente e depois de alguns passos incertos em meio às pessoas consegui deixar a pista sufocante e acabei me esbarrando em uma mulher, que deixou a taça de espumante cair e se espatifar. Fiquei vermelho e pedi desculpas. Olhei para o vestido dela e agradei ao universo por não estar molhado.

– Me desculpa! – eu disse com a voz trêmula.

Ela procurou aparentar tranquilidade, mas também olhou assustada para a roupa branca.

– Tá tudo bem, isso acontece – falou.

– Vou pegar outra taça para a senhora.

Ela apenas fez um gesto, indicando que não era necessário.

Eu não sabia o que fazer.

– Não se preocupe – alguém falou atrás de mim.

Um garçom mais ou menos da minha idade, com uma bandeja cheia de taças, se aproximou e ofereceu outra bebida à mulher, que a aceitou e se afastou. O rapaz olhou para os cacos de vidro no chão e depois para a bandeja em suas mãos. Ele tinha uma barba preta meio bagunçada.

– Eu seguro pra você – me ofereci.

– Não precisa, é meu trabalho.

– Não, é sério. A culpa foi minha.

Ele balançou a cabeça.

– Isso acontece.

Sorri, envergonhado.

– Me dá a bandeja aqui – insisti.

Ele olhou da taça para mim e imaginei que estava se questionando se eu era a melhor pessoa para fazer aquilo.

– Tá – respondeu, por fim, me entregando o objeto.

Então tirou um pano de um dos bolsos do avental, se abaixou e juntou os cacos de vidro.

– Você pode me esperar alguns segundos aqui? Vou jogar esses cacos num lugar apropriado lá na cozinha. Essa não foi a primeira taça quebrada do dia.

Ele disse isso muito rápido e me deixou sozinho no meio da multidão. O vocalista estava de volta e cantava *There's nothing holdin' me back*, de Shawn Mendes, e comecei a pensar em Isadora. O que ela teria imaginado? Será que havia percebido o que eu estava olhando? Procurei pela mesa de meus pais. Havia pessoas que eu não conhecia sentadas com eles e uma das crianças chorava. Não desejei voltar para lá.

Senti o impulso de pegar meu celular para contar ao Victor sobre o esbarrão, mas minhas mãos estavam ocupadas pela bandeja. O espumante acenava para mim com suas borbulhas. Eu não costumava beber, mas de repente desejei ter 1 centímetro para mergulhar em uma daquelas taças e morrer afogado. Um cara e uma moça passaram e me perguntaram se podiam se servir. Respondi que sim. Ambos eram muito bonitos e me desejaram feliz ano novo. O rapaz estava cheiroso e, quando saiu, notei que tinha ombros largos e um bumbum bem interessante.

– Pronto, agora ninguém vai se machucar – disse o garçom, me fazendo voltar à realidade.

Ele estava parado à minha frente, sorrindo, com os braços estendidos. Entreguei a bandeja a ele com alguma dificuldade.

– Desculpa pelo desastre – eu disse, sem jeito.

– De boa. A gente fica mesmo meio atrapalhado depois de algumas.

– O quê? Ah, não! Não tô bebendo.

Ele pareceu incrédulo.

– Sério? Não vai curtir o open bar? O ingresso foi caro, não?

Dei de ombros.

– A gente é sócio do clube, então só custou a metade do preço. E foi meu pai que pagou, então...

– Ah, você tá aqui com a família?

– Sim.

– E foi sua família que fez você sair correndo daquele jeito?

– Não ainda, mas qualquer dia eles vão me fazer correr mais rápido que o Bolt.

Ele riu.

– Mas você não vai mesmo aceitar uma taça de espumante? Hoje é noite de festa – perguntou.

Declinei da oferta.

– Não, valeu! Acho que se eu ficar bêbado, vou acabar me tornando inconveniente.

Ele sorriu e disse:

– Acho que conheço você.

Fui pego de surpresa. Eu só saía de casa para ir à universidade, portanto duvidei que ele de fato me conhecia. “Oh, espera aí! Ele está interessado em mim? Por quê?”, me perguntei, depois de me dar conta de que talvez aquele rapaz estivesse tentando alguma coisa.

– Sério? Acho que não, hein! – respondi.

– Você não é calouro de medicina?

Uhm! Então de fato ele já havia me visto?

– Sim, eu costumava ser, mas consegui vencer o primeiro ano e agora sou um veterano.

– Parabéns, veterano.

Fiquei sem graça e perguntei:

– Já conversamos antes?

– Ah, não! Eu só te vi de longe, nos corredores.

– E o que você achou? Ou melhor, o que eu tava fazendo?

– Uhm... Você tava andando, carregando alguns livros...

*Oh, my god!* Então alguém havia prestado atenção em mim?

Ele olhou ao redor e de repente ficou um pouco nervoso.

– Bem, tenho que ir. É meu primeiro dia aqui, não posso ficar parado.

O rapaz de repente se agitou e começou a sair, mas agi pelo impulso de saber mais sobre ele e o chamei:

– Espera!

Ele parou e ficou me olhando.

– O quê?

“O que devo dizer?!”, perguntei a mim mesmo.

– É que eu... Hã... Vou aceitar o espumante.

Me aproximei hesitante e peguei uma taça.

– Meu nome é Kaique. E o seu?

Ele sorriu, cheio de si. Comecei a achá-lo muito fofo e a pensar que ele deveria ser uma gracinha pelado.

– Sou o Heitor.

– Uhm... Feliz ano novo, Heitor.

– Feliz ano novo, Kaique.

Olhei para o chão, depois rapidamente para ele e então para o lado. Victor saberia o que dizer em uma hora dessas.

– Quer dizer que você também tá na universidade?

– Sim, tô indo pro terceiro ano de Biologia.

– Legal! A gente se vê por lá? – perguntei, enfrentando o nervosismo.

Eu só queria conversar um pouco mais com ele. Não era sempre que eu interagia dessa maneira com um cara. Ele fez uma expressão de “estou seduzindo você” e disse:

– Sim, com certeza. Mas pode ser que a gente se esbarre antes disso, quem sabe?

\*\*\*

Eu pensava em Heitor. Tentava me recordar de seu rosto nos corredores da universidade, mas não conseguia me lembrar. Era o preço por ser muito distraído. Eu havia visitado o bar algumas vezes e estava em meu terceiro drinque. Abandonara o espumante e tomava uma bebida vermelha um pouco doce. Kauany e Isadora, muito suadas, respiravam ofegantes do outro lado da mesa. Eu sabia que as duas haviam bebido escondido. Elas cochichavam e riam o tempo todo. Meu pai observava Kauany com reprovação e às vezes me lançava olhares inquisidores. Tínhamos 17 e 18 anos e, apesar de nossos pais não serem contrários a bebidas (não diretamente, pelo menos), costumavam dizer que uma vida regrada e com limites evita muitos problemas.

Eu estava com o pensamento longe quando uma voz recém-conhecida fez com que eu me arrumasse na cadeira.

– Boa noite. Vim trazer suas garrafas de espumante.

Heitor estava parado do outro lado da mesa, segurando sua bandeja. De acordo com os ingressos que compráramos, tínhamos direito a algumas garrafas de espumante. Sorri para ele e fui retribuído. Meu pai lhe disse alguma coisa, que não ouvi direito. Heitor tinha sobrancelhas grossas e olhos castanho-avermelhados. Seu cabelo, muito escuro e espesso, fora penteado de lado, numa tentativa falha de deixá-lo arrumado. Ele ficava bonito com o avental branco que estava usando.

Senti vontade de falar com ele, dizer qualquer coisa boba, fazer um comentário aleatório, mas a presença de meus pais inibiu minha coragem. Era como um campo de força que me imobilizava, mesmo que meu coração estivesse batendo muito rápido. Heitor deixou as garrafas dentro de um balde com gelo sobre as mesas e saiu. Ao passar por mim, no entanto, lançou uma piscadinha. Como eu não conseguia piscar com um olho só (sim, nunca pude fazer isso), apenas mantive meus olhos nos seus e, quando ele estava o mais próximo possível, o chamei baixinho.

– Heitor?

Ele se curvou para me ouvir melhor. Ficou tão perto que pude sentir seu perfume.

– Oi, não falei que iríamos nos ver em breve?

Sorri para ele, mas em seguida percebi que meu pai me observava, então lhe perguntei:

– Você pode me trazer alguma coisa pra beber?

– Claro. O que você quer?

Eu não entendia nada de bebidas.

– Me traga a sua favorita.

Diante de minha resposta, ele mordeu os lábios e saiu. Imediatamente finalizei a bebida que estava tomando em dois grandes goles. 271

Minha mãe, que comandava a conversa geral, desviou o foco e falou, quase docemente.

– Hoje o Kaique tá animado.

Todos olharam para mim.

Foi incrível como, apenas com essa afirmação, ela conseguiu deixar subentendido que não somente estava me observando beber como também antecipava que a bebida não me faria bem, uma vez que eu não estava acostumado a me embriagar e não era naturalmente uma pessoa animada.

Tentei sorrir, não consegui.

– Pois é – eu disse. – Tô tomando esta bebida fraca por causa do calor.

– Não vai exagerar – ela aconselhou, então voltou a falar sobre seu trabalho como veterinária.

Meu celular vibrou.

*“E aí... falou c ele de novo?” – perguntou Victor.*

*“Mais ou menos, ele acabou d vir aki e trocamos umas palavras”.*

*“Ak onde?”.*

*“Na mesa onde to c meus pais :S”*  
*“Ahhhhh... Q situação!”*  
*“uhum, qr mt beijar ele”*  
*“Vc tem ctz q ele eh gay?”.*  
*“Lógico q tenho, affe”.*  
*“Seu gaydar aptou?”.*  
*“Gaydar e tbm outra coisa”.*  
*“Outra coisa?”.*  
*“Ai Victor, como vc eh burro”.*  
*“An?” –. “Ahhhhhhhhhh... Affe Kaique... Idiota hahaha. Ele eh gostoso?”*  
*“achei ele bonitin”*  
*“C tem ele no face?”*  
*“ñ neh?”*  
*“aff”*  
*“oq eu faço?”*  
*“Vc tá fazendo o jogo de olhares?”*  
*“Ss”*  
*“Entao continua”*  
*“Mas pra isso eu tenho que ver ele, neh? E ele tem q me ver tb”.*  
*“Calma.. vc ainda tera mts oportunidades p falar c ele”.*  
*“Eu sei mas eh q preciso desenvolver minhas habilidades d falar c os karas neah?”*  
*“vc me mata de rir hhahahaha”*  
*“E eu achando q tava falando c um amigo”*  
*“hahahaha”*  
*“/\_”*  
*“sabe o q vc vai fazer?”*  
*“O q?”*  
*“vc vai derrubar bebida na roupa dele e isso vai dar tempo pra vcs conversarem”.*  
*“Ata. Depois ele nunca mais fala cmg. Kda ideia q vc tem hehehe”.*  
*“Vai por mim”.*  
*“To nervoso, acho q to ficando bebado”.*  
*“Entao pare de beber sua loka. Migo um bj.... to indo dançar”.*

– Kaique, vamos dançar. Por favor! Sei que você quer. Sei que dentro de você existe uma bailarina louca pra desabrochar – me convidou Kauany.

Levantei os olhos do celular, ainda indignado com a forma como Victor havia me dispensado, e comecei a concentrar a raiva em minha irmã quando percebi o que ela estava falando. Segundos depois, no entanto, senti muito medo. Olhei para meu pai, me certificando de que ele não ouvira aquela cretina dizer que tenho uma bailarina louca dentro de mim. Ele estava entretido com a conversa. Respirei profundamente, procurando permanecer calmo.

– Você sabe que eu não gosto de dançar – falei.

– Não sei de nada disso. Isadora e eu vimos você na pista de dança, obcecado pelos passos que os dançarinos estavam apresentando. Ou você vai falar que não?

– Eu estava olhando para a cantora. Gostei dela.

– Então vamos dançar, por favor!

– Que interesse é esse em me levar pra dançar?

– Você vai vir?

Olhei para a última mensagem de Victor: “*Migo, um bj.... tô indo dançar*”. Tomei coragem.

– Tá. Mas você pode esperar só um pouco? Eu pedi uma bebida.

– Uhm, tá recebendo atendimento exclusivo, é?

– Fala baixo, Kauany!

Não demorou muito e Heitor retornou com um drinque.

– O que é isso? – perguntei.

– É *pinã colada*.

Experimentei a bebida. Tinha gosto de coco e de abacaxi.

– Que gostoso!

– Que bom que gostou. Fiquei com medo de que fosse alérgico a abacaxi.

– Não sou. Hã, escuta, você não quer ir dançar? – perguntei baixinho.

– Eu adoraria, mas... Tô trabalhando, lembra? – ele respondeu, apontado para o avental. – A gente se fala depois, tudo bem?

– Certo.

Então mais uma vez ele se retirou.

– E agora, podemos ir? – perguntou Kauany.

Confirmei com a cabeça e me levantei, segurando a *pinã colada*.

– Aonde vocês vão? – perguntou Valdece.

– Vamos dançar – Isadora respondeu.

– Estejam aqui para a contagem regressiva, não falta muito para a meia-noite – minha mãe interpôs.

– Não vamos demorar – Kauany disse, finalizando com um beijinho irritante.

Comecei a caminhar em direção à pista antes que eu me arrependesse e, no caminho, procurei por Heitor discretamente. De repente um garçom surgiu à minha frente, mas era um homem mais velho. Balancei a cabeça, decepcionado, dizendo a mim mesmo para deixar de ser tão iludido.

Kauany e Isadora riram animadas e pegaram duas taças de espumante da bandeja do garçom, que, bravo, perguntou se elas tinham idade para beber. Elas tomaram tudo de uma vez e devolveram as taças vazias para o homem. Fingi que não vi nada, porque o mundo começava a girar e não eu queria me preocupar com aquilo. Abri caminho entre as pessoas e achei que tinha ouvido alguém reclamar e dizer que eu era mal-educado. Estávamos mais ou menos no centro da pista. A banda tocava *New rules*, da Dua Lipa. Fechei os olhos e ouvi a voz da cantora.

– Como é o nome dessa banda? – perguntei às meninas.

– O quê?!

Elas me responderam alguma coisa, mas apenas vi suas bocas se mexerem e não ouvi nada além da música, pois o som estava muito alto. Dei de ombros. Minha irmã começou a tirar *selfies* e ficava me puxando, para me enquadrar nas fotografias. Estávamos dançando muito próximos. Tentei não me importar com minha forma desengonçada de me balançar.

Entrava música e saía música e eu só conseguia pensar no que eu faria se pudesse levar Heitor para um cantinho escuro. Como eu pudera nunca o ter notado na universidade? Algumas pessoas costumavam dizer que eu era muito arredoio, e outras que era metido a besta. A verdade era que o mundo me parecia uma grande bagunça e eu estava sempre sendo atropelado por alguma coisa.

Finalizei a bebida e rapidamente o copo vazio se tornou um incômodo, então saí da pista de dança para deixá-lo em algum lugar. Quando eu estava voltando, alguém, por trás de mim, me disse junto ao ouvido.

– Você dança muito bonitinho.

Heitor sorriu, mas antes que eu pudesse lhe dizer qualquer coisa, outro garçom parou ao lado dele e lhe falou algo. Ele apenas balançou a cabeça, me olhou como se pedisse desculpa e acompanhou o outro cara para algum lugar.

Voltei para junto de minha irmã e a amiga. Elas conversavam com um cara que aparentemente as conhecia. Fui apresentado a ele e tentei decifrar seus lábios se movendo

para entender seu nome: Diogo ou Diego. Ele tentou falar comigo, mas fiz sinal de que não estava conseguindo escutar o que me dizia. Ele sorriu e apontou para seu copo vazio, então compreendi que estava me chamando para pegar mais bebida. Acenei que sim. Kauany e Isadora continuaram dançando enquanto Diogo/Diego e eu nos encaminhamos para o bar.

– O que você vai querer? – ele me perguntou.

– Não sei.

– O que você tá tomando?

– Esqueci. Alguma coisa com cola.

Ele riu.

– Por que não pede um *dry martini*? Ou um *bloody mary*?

– Um o quê?

– Um *blood mary*.

Soltei uma gargalhada.

– Por que você tá rindo? – ele perguntou.

– Isso é engraçado.

– O que é engraçado?

Dei uma olhada em Diego/Diogo. Era um rapaz mais ou menos da minha idade, magro, olhos castanhos grandes e cabelos castanhos curtos. Bonito. Devia ser um ficante recorrente de minha irmã ou de Isadora. Ou das duas.

– Ah, nada. Só me lembrei da rainha Maria Sangrenta da Inglaterra – respondi, percebendo em seguida que isso poderia ter soado um pouco bizarro.

O cara preferiu ignorar essa parte da conversa.

– Então você é irmão da Kauany?

– Sim.

Nesse momento estávamos encostados ao balcão e o barman me perguntou o que eu iria querer.

– Ei, Diogo, como é o nome daquela primeira bebida que você falou?

– Diogo?! Meu nome é Johnny!

Comecei a rir.

– Ele quer um *dry martini* – Johnny disse ao barman. – Vou querer o mesmo.

O rapaz me olhou e não consegui decifrar suas expressões.

– Que foi? – perguntei.

– Você é muito bonito.

Imaginei que eu não tinha ouvido direito. Fiquei em silêncio.

Ele continuou.

– Uhm... Desculpa, só foi um elogio. A Kauany me falou de você, disse que você é legal, mas muito reservado.

Um alarme soou em minha cabeça. “Então minha irmã tá falando sobre mim para as pessoas? Linguaruda! Não sabe ficar na dela? Mas o que isso significa? Será que ela contou a mais alguém?”, disparei a pensar. Eu não sabia o que dizer a Johnny, estava muito nervoso. Na pista de dança, a banda desenterrava *Don't stop the music*, da Rihanna.

O barman colocou as bebidas sobre o balcão. Era um copo bonito e reconheci o drinque de fotos vistas na internet. Tentei beber de uma só vez, mas não consegui.

– Vai com calma, gato – Johnny me recomendou, mas isso apenas me deixou mais nervoso e virei o copo.

– Preciso ir ao banheiro – falei.

– Você tá bem?

– Sim. Já encontro vocês na pista.

Saí apressado, precisava jogar um pouco de água no rosto. Depois tomar um ar na parte externa do clube, mas de repente me choquei com alguém em alta velocidade. A bebida caiu por cima de mim e do garçom que ousara cruzar meu caminho. De um segundo para outro eu estava com a camiseta branca e um pedaço do short molhados com algo com cheiro de limão. Heitor também estava ensopado, mas sua sorte fora que a maior parte da bebida caíra sobre o avental.

– Você tá bem? – ele perguntou.

– Sim. Desculpa, desculpa, desculpa. Sou um desastre!

– Você se machucou?

– Não, e você?

Olhei para a bandeja. Incrivelmente apenas um copo havia caído e se quebrado. Os outros estavam deitados, mas ilesos. Heitor se abaixou, colocou a bandeja no chão e jogou os cacos em cima do objeto.

– Vou levar isso para a cozinha – disse. – Me espera no banheiro, tenho uma toalha.

Tentei dizer que não precisava, mas ele desapareceu abruptamente assim como tinha chegado. Eram muitas informações recebidas em pouco tempo para processar. Caminhei devagar até o banheiro. Havia apenas dois homens lá dentro. Fui até a pia e lavei meu rosto. Olhei para o espelho e me encarei. Meus olhos também eram amendoados como os de minha mãe e minha boca também tinha um formato bonito. Fui até um mictório e mandei ver. Não havia percebido que eu precisava disso também. Quando retornei à pia, encontrei Heitor me

esperando com uma toalha e uma garrafinha de água nas mãos. Ele estava sem o avental. Estávamos sozinhos.

– Fiz você ser demitido em seu primeiro dia? – perguntei.

Ele balançou a cabeça negativamente e me entregou a toalha. Enxuguei meu rosto e a devolvi. Ele colocou a garrafa sobre a pia e começou a abrir os botões de sua camisa. Levei alguns segundos para entender que ele queria expô-la ao secador de mãos. Eu não sabia para onde olhar. Fiz o que me foi possível, mas não pude deixar de fixar minha visão em seu tórax e abdômen. Ele não era um cara malhado, tinha um corpo comum, e inclusive um pouco peludo. E naquele momento descobri que gosto de peludinhos.

Um homem entrou, foi até o mictório e saiu sem lavar as mãos.

– Porco – eu disse.

– O quê?

– Nada.

Ele usou a toalha para secar o peito e fiquei com raiva da ordem em que as coisas haviam acontecido naquele banheiro nos últimos minutos. Teria sido muito mais interessante se ele tivesse esfregado a toalha no corpo antes de eu a colocar em meu rosto.

– Não vai secar a camiseta? – ele perguntou.

– Uhm...

Na verdade, eu precisava mesmo fazer isso, pois estava bastante molhado. Com muita vergonha, tirei a camiseta e me encaminhei até outro secador. Pelo espelho, percebi que Heitor me observava. Ele terminou o que estava fazendo e se vestiu novamente. Jogou a toalha para mim. Eu a agarrei apenas com uma mão e tentei me secar, mas percebi que estava mais grudento que molhado.

– Tô todo grudento, droga – eu disse, sorrindo.

Heitor terminou de abotoar a camiseta, foi até a pia e molhou as mãos.

– Onde tá grudento? – perguntou.

Apontei para meu abdômen e em seguida para meu tórax.

– Aqui e aqui.

Sem o menor constrangimento, ele me tocou com as mãos molhadas nos lugares indicados. Estremeci ao sentir o contato de sua mão fria com minha pele quente. Ele molhou novamente as mãos e repetiu o procedimento. Meu corpo reagiu àquela experiência, mas fiquei nervoso com o perigo de alguém nos flagrar. E se meu pai entrasse lá?

Logo eu estava seco e vestido novamente.

– Você me parece um pouco tonto – falou Heitor.

– Não, tô de boa.

– Ah, tá. Claro que sim. E eu achando que você era um cara sério.

– Mas eu sou um cara sério. Muito sério.

Ele riu.

– E por que motivo decidiu que queria encher a cara?

Heitor me encarou, preocupado, esperando uma resposta. Mas ao mesmo tempo pareceu estar se divertindo com tudo aquilo.

– Não tô bêbado – foi o que respondi.

De fato, eu já não me sentia tão alterado quanto antes de lavar o rosto.

– Vou fingir que acredito. Olha, eu conheço um lugar bem tranquilo onde a gente pode se sentar por alguns minutos para tomar essa água – ele disse, pegando a garrafinha. – Vamos dar um tempo lá?

– Mas você não tem que trabalhar?

– Tô no intervalo. E posso demorar um pouco mais, pedi pra um colega segurar as pontas pra mim, mas vou ficar devendo essa pra ele.

– Uhm... Então tudo bem.

Deixamos o banheiro e escapamos do salão.

– Que horas são? – perguntei.

– Não sei, tô sem relógio.

Uma lufada de vento me tomou no momento em que coloquei os pés para o lado de fora. Para onde Heitor me levaria?

\*\*\*

Estávamos no jardim, decorado com luzes douradas e prateadas. Heitor levava a toalha dobrada e a garrafa de água. Caminhávamos próximos e quietos. Foi indescritível sentir a música e o barulho da festa se tornarem mais e mais distantes e o som de nossos passos e nossa respiração cada vez mais audíveis. Eu havia passado as últimas horas desejando viver aquele momento, mas quando ele chegou, eu não soube como me comportar. Parecia que eu tinha duas bolsas com chumbo amarradas nas pernas.

– Você por acaso não é um psicopata que assassina rapazes sérios nas noites de réveillon, é? – perguntei a Heitor, para quebrar o gelo.

– Não, mas quase isso. Você errou apenas alguns detalhes.

– Ah, é? E quais detalhes?

– Eu não assassino rapazes sérios, isso é muito chato. Prefiro roubar seus corações. E a noite de réveillon, bem, isso foi uma coincidência, apenas aconteceu de ser hoje o dia em que vou entrar na sua vida.

Eu não soube o que dizer. Nunca havia pensado que encontraria alguém tão convencido e tão foto em toda minha vida. Meu silêncio o deixou sem graça.

– Que foi? Sou muito bobo, né?

– Quase isso. Você errou apenas um detalhe.

– Qual?

– A letra “b”. A palavra se escreve com dois “f”. Você não é bobo, é fofo.

Ele riu.

– Agora você me superou.

Nesse momento chegamos ao caminho que levava à piscina olímpica.

– Venha por aqui – disse Heitor, me tomando pelo braço.

A piscina estava totalmente vazia, como era de se esperar. Heitor e eu passamos por ela e subimos as arquibancadas para nos sentarmos lá em cima. Dali, era possível ver boa parte do jardim iluminado.

– Que lindo! – exclamei.

Heitor sorriu, satisfeito.

– E olha que maravilha, temos o lugar só pra gente!

Nos sentamos. Heitor ficou à minha esquerda e colocou a toalha e a garrafa de água ao seu lado. O céu estava parcialmente nublado, mas era possível avistar algumas estrelas.

– Essa é a parte em que você me faz olhar as estrelas e me conta alguma coisa bonita e especial sobre elas – eu disse.

– Não sei o que dizer sobre as estrelas, exceto o que talvez você já tenha lido em livros, visto em filmes ou escutado de alguém. Por que você não me diz algo sobre elas?

– Não.

– Como?

– Não vou falar sobre as estrelas. Prefiro falar sobre... – olhei em volta. – As copas das árvores. Quando eu era criança, eu... eu tinha um...

– Não me diga que você tinha um estilingue e assassinava passarinhos.

– Não, credo! Que horror!

– Tô brincando – ele falou, se aproximando mais de mim.

Comecei a ficar nervoso. Olhei para baixo e vi minha perna muito próxima da perna dele. Então ele se mexeu para abrir a garrafa e a entregou a mim.

Agradei e tomei uma golada. A água fresca me trouxe uma sensação de existência. Eu era uma estátua muito antiga na chuva selvagem. Olhei para Heitor e ele olhou para mim. Sorrimos um para o outro. Tomei outra golada e devolvi a garrafa. Quando ele a levou à boca, observei o movimento de seu pescoço, o corpo se saciando, o corpo garantindo mais vida, garantindo mais. Uma gota escapou de seus lábios e deslizou até a gola da camisa.

– Você tava muito certo quando disse que a gente ia se encontrar antes da volta às aulas – eu disse a ele, tentando continuar a conversa.

– Senti que aconteceria.

– Então... Hã, me fala mais sobre você.

– Não sei o que falar. Bem, sou estudante de Biologia e faço esses bicos para garantir o dinheiro da quitinete.

– E do que você gosta?

– Como assim, do que eu gosto? Gosto de muitas coisas.

– Fala uma.

– Gosto de animais. Tenho um cachorro chamado Samir, mas ele mora com meu irmão.

– Samir?

– Sim. O nome de um professor de História que eu tive no Ensino Médio. Bem, é uma longa história, mas foi dele que eu ganhei o cachorro. E quando ele me perguntou que nome eu daria ao filhote eu disse que seria Samir, de zoeira, e acabou ficando. E você, tem algum animal?

– Eu gostaria muito, mas meus pais são muito chatos.

– Sério? Que droga! Mas se pudesse, que animal seria?

– Um gato, eu acho. Eles são quietos e não dão trabalho.

– Então você gosta de bichanos?

– Não só de bichanos.

– Ah, é? E de que mais você gosta?

– De outro animal peludinho.

Heitor sorriu. Ele estava muito perto de mim, mas de repente se afastou.

– Você tá bem bêbado mesmo, né?

– Não estou. De verdade. É sério, não se preocupa. Me dá mais um pouco da sua água. Ele me passou a garrafa. Bebi um pouco e continuei a conversa.

- De que mais você gosta?
- Gosto de música, de cantar – ele respondeu, depois de pensar por um tempo.
- Você canta?
- Só por diversão. Não sou nenhum profissional e nem tenho talento.
- Pois vai cantar pra mim.
- De jeito nenhum!
- Vai sim, não vou te deixar em paz.
- Então você acha que só porque é gostosinho vou cantar pra você?
- Fiquei sem jeito e perdi as palavras.
- Agora é minha vez – ele disse. – Quantos anos você tem?
- Dezoito. E você?
- Tenho dezenove, mas é minha vez de perguntar, esqueceu?
- Tudo bem, tudo bem.
- Do que você gosta, além de encher a cara?
- Eu não gosto de encher a cara! – falei, rindo. – Bem, eu gosto quando as pessoas cantam para mim.
- E você costuma receber muitas cantadas?
- Definitivamente não.
- Não acredito.
- Você é maluco, sabia?
- Por quê?
- É que, bem... Nada.
- Fala.
- Não é nada.
- Certo. Então vou fazer mais perguntas. Sei que não é da minha conta, mas com quem você tanto conversa pelo celular?
- Meu amigo Victor. Ele tá tentando me ajudar com... com você.
- Heitor demonstrou surpresa.
- Como assim?
- Ele tava me dando alguns conselhos, do tipo “joga bebida nele”.
- Não! – disse Heitor, arregalando os olhos.
- Sim, acredita nisso?
- Você é que não vai acreditar no que vou falar agora.
- O quê?

- Eu usei uma tática parecida com você.
- Quê?!
- Exatamente isso que você tá pensando.
- Fiquei pasmo diante daquela revelação.
- Pera aí, então aquele esbarrão foi de propósito?
- Você me desculpa?
- Ai, meu Deus! Aquele negócio de você ser um psicopata...
- Não chega a tanto, mas é que vi você conversando com outro cara e precisei fazer alguma coisa pra chamar sua atenção.
- E conseguiu! Na verdade você tinha conseguido há muito tempo. É verdade mesmo, sobre o esbarrão?
- Sim, mas foi a primeira vez que fiz isso. Na verdade era para ser de leve, não era pra ninguém ficar molhado e nada do tipo, mas você veio com tudo.
- Eu tava tentando fugir de uma situação.
- Que situação? Aquele cara tava te incomodando?
- Não. Não é isso. É que minha irmã sabe de mim. Bem, ela sabe que sou gay e contou pra ele, pra aquele menino. Ela tava tentando me arrumar pro amigo dela. Ai, Kauany. Eu tava tentando fugir dessa situação, mas também tava tentando fugir da minha vida.
- Isso de a sua irmã tentar te arrumar ficantes é um problema?
- O problema é que esse é um segredo nosso. Pedi pra ela não contar pra ninguém. Provavelmente a Isadora sabe também. Tenho certeza de que a Isadora sabe.
- Isadora deve ser a garota que tava com sua irmã.
- Sim. O pai dela é colega do meu pai, da empresa, e eles são amigos há anos. E ele é um baita de um homofóbico machista. Meu pai não é muito diferente, infelizmente.
- Isso é uma droga. Então quer dizer que pra sua família você é hétero?
- Essa pergunta me fez sofrer. Sim, para meus pais, eu era outra pessoa. E eu estava cansado disso. Estava cansado de tentar ser como eles queriam e de me comportar de acordo com o que determinavam. Respirei fundo. Aquela frustração conseguia atravessar inclusive meu momento com Heitor.
- Meus pais parecem ter tudo planejado pra Kauany e pra mim. A diferença é que ela consegue se desvencilhar e eu... Eu permito que controlem minha vida.
- Você diz que seus pais têm planos pra você, mas, e seus planos, quais são?

Eu não soube o que responder. Desejava apenas viver meus dias, fazer minhas coisas. Poder sair com minha família sem ouvir qualquer comentário discriminatório. Poder me relacionar com o cara pelo qual eu me apaixonasse e não ser atacado por meus pais.

– Sabe, vou me formar, ter minha profissão e então vou ter minha casa e ser mais independente.

Heitor balançou a cabeça, concordando.

– Este é um caminho. Mas, e até lá?

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Me senti em xeque-mate e decidi mudar de assunto.

– Me fala sobre você – pedi. – Sua família aceita de boa o fato de você ser... gay? Bi?

– Gay. Bem, não tenho um relacionamento muito íntimo com meu pai. Fui criado por minha vó. Quando contei pra ela, ou melhor, quando contaram, teve muito choro e reclamação, mas então ela foi se acostumando e com o tempo voltamos a nos entender.

– Que ótimo! E o seu irmão, sua mãe?

– Minha mãe morreu quando eu era criança, então, bem, nem imagino como teria sido.

– Poxa, sinto muito.

– E o meu irmão descobriu quando a gente era adolescente. Ele é três anos mais velho que eu. Tinha alguns meninos que ficavam no meu pé na escola e um dia meu irmão se meteu numa briga pra me defender. A partir de então ele se tornou meu confidente.

Sorri.

– Foi mais ou menos assim que aconteceu comigo e com Kauany.

– Ela me pareceu bem louquinha.

– E você ainda nem conheceu o demônio.

Rimos.

Heitor se inclinou em minha direção.

– Tenho mais uma pergunta. Qual vai ser a primeira coisa que você vai fazer no ano novo?

– Você tá falando sobre coisas banais do dia a dia ou o quê?

– Não, algo que seja especial.

Eu tinha a resposta na ponta da língua, mas fui interrompido pelo som de pessoas que se aproximavam, rindo. Fiquei apreensivo e fiz figas com as mãos, dizendo baixinho “não venham aqui, não venham aqui”. Não queria que ninguém estragasse aquele momento. Mas então me lembrei de meus pais, no salão, talvez me procurando. Me lembrei de Kauany,

Isadora e Johnny, eternamente me esperando na pista de dança. Ou talvez não. Certamente que não. Minha irmã devia estar beijando alguém.

Um rapaz e uma moça passaram por trás das arquibancadas. Reconheci o casal que me desejara feliz ano novo no salão. Eles caminhavam em direção à quadra de tênis, mas de repente pararam e começaram a se beijar. Então me virei para Heitor e, juntando toda minha coragem, toda minha vontade e todo meu desejo, coloquei minha mão sobre sua perna.

– O que tá fazendo? – ele perguntou.

– Tô fazendo o que desejo fazer.

Segurei sua mão. Ela estava quente e um pouco suada.

– Por mais que eu queira, não posso fazer isso – me disse Heitor, como se lutasse contra algo.

– Por que não?

– Eu disse a mim que iria trazer você aqui apenas pra conversar. Nada mais.

– Mas por quê? – perguntei, sem compreender o impedimento.

– Porque você tá bêbado, e não é certo.

– Não tô bêbado.

– Tá sim.

– Não tô, veja – soltei sua mão, fiquei em pé, levantei uma perna e fiz o “número 4” e, incrivelmente, esse foi um dos momentos mais tensos de minha vida.

– Kaique, para, você vai cair!

– Não vou, confia em mim.

Ele riu e debochou:

– Não sei, não. Esse quatro tá um pouco torto.

Não havia nada de errado com meu quatro, mas procurei melhorar a posição.

– Posso ficar assim até o ano que vem.

– Você tá parecendo um flamingo – Heitor brincou. – Aliás, você sabia que seu nome, em tupi, significa “ave aquática”?

– Ah, é? – aquela informação me fez ter uma ideia. – E você sabia que um banho de água gelada melhora a bebedeira?

– Quê?

Me virei e desci as arquibancadas aos saltos, com Heitor ao meu encalço, me pedindo para parar. Quando alcancei a borda da piscina, primeiro tirei a camiseta, depois os tênis. Heitor parou a minha frente, me olhando assustado.

– Você não vai fazer isso, vai?

Não respondi. Havia decidido que era mais prático mostrar a ele. Então tirei meu shorts e a cueca. Heitor me olhou de cima a baixo.

– Não pula nessa piscina!

Mas era tarde demais. Eu tinha 1 centímetro e mergulhava completamente nu em uma taça de espuma. Submergi por alguns segundos e fiz questão de soltar borbulhas pela boca. Eu era um pássaro e voava. Um pássaro d'água. Não muito depois senti mãos que me agarraram. Me permiti ser levado para a superfície. Heitor me arrastou até a borda, onde ficamos um ao lado do outro.

– Nunca mais faça isso, seu louco!

– Eu tô bem, não se preocupa. Esta piscina é minha velha conhecida. Há anos faço aulas de natação aqui.

Heitor estava pálido por causa do susto.

– Seu menino danado!

Olhei para ele e falei:

– Não acredito que você mergulhou com suas roupas.

– Claro, eu tinha que salvar você.

– Meu herói!

Heitor estava lindo. Seu cabelo, pesado por causa da água, caía sobre seu rosto. Sua barba, cheia de gotinhas, brilhava como se estivesse adornada com diamantes.

– E agora, o que a gente vai fazer com essa roupa molhada? – perguntei.

– Uhm... Vou precisar da sua ajuda. Minha mochila, com as roupas que eu tava usando quando cheguei aqui no fim da tarde, tá em um armário no vestiário dos funcionários. Pode pegar pra mim?

– Pego, mas com uma condição.

Ele me olhou com certo temor. Percebi que minha ideia de pular na piscina havia expandido a imagem que ele tinha sobre mim. E isso foi delicioso.

– Que condição?

– Você vai ter que ficar peladinho, do jeito que eu tô.

Ele sorriu um sorriso safado e saiu da piscina. A água correu de seu corpo e fez uma poça no chão. Aos seus pés, o observei tirar a camisa, botão por botão. Ele me revelou seu corpo, seus detalhes. Depois disso tirou os sapatos. Em seguida, abriu o botão da calça e puxou o zíper. Sua cueca boxer era branca. E ele a retirou e a deixou de lado.

Então pulou novamente na água e se aproximou de mim.

– Você é muito lindo – eu disse a ele.

Heitor chegou mais perto, me enfeitiçando com sua boca.

A água da piscina não era suficiente. Eu queria mergulhar em seus olhos. Queria nadar por dentro de seu corpo.

Naquele momento senti uma vibração diferente e de repente me dei conta de que era a contagem regressiva. Fomos pegos de surpresa. Não muito longe, riscas coloridas e luminosas subiram em direção às nuvens e explodiram sobre nós. A barba de Heitor refletiu o brilho dos fogos e, enquanto eu pensava nisso, ele me observava e disse:

– Seu cabelo reflete as luzes dos fogos.

Sustentei meus olhos nos dele:

– Você me perguntou qual seria a primeira coisa significativa que eu faria no ano novo.

Avancei sobre Heitor. Meu corpo estava colado ao corpo dele. Eu tinha meus lábios encostados aos seus e minha mão sobre sua barba. Pressionei virilha contra virilha, apalpei suas costas. Ele me abraçou de leve, mas exigi força e demonstrei isso. Ele compreendeu. Minha boca se movimentou, minha língua procurou e encontrou passagem. Desejei perder o fôlego. Desejei um fôlego virgem, um fôlego escandaloso.

Senti seus lábios, sua língua. Sua barba arranhou meu rosto. Ardeu.

O show de fogos terminava. Me afastei de Heitor e nadei alguns metros em direção ao centro da piscina. Soprou uma brisa fresca. Olhei em direção ao salão, embora não conseguisse ver nada dali. Depois olhei novamente para Heitor. Ele me observava. Gostei de sua calma, um jeito de quem é dono de si. Era como se ele soubesse, desde o início, que as coisas entre nós dois esta noite aconteceriam exatamente assim.

Voltei a me aproximar dele.

Dessa vez eu iria beijá-lo delicadamente.

\*\*\*

Enviei para Victor uma foto minha e de Heitor juntos na piscina.

Ele me respondeu:

– *“Bicha... a senhora eh lacradora msm, hein? FELIZ ANO NOVO!”*